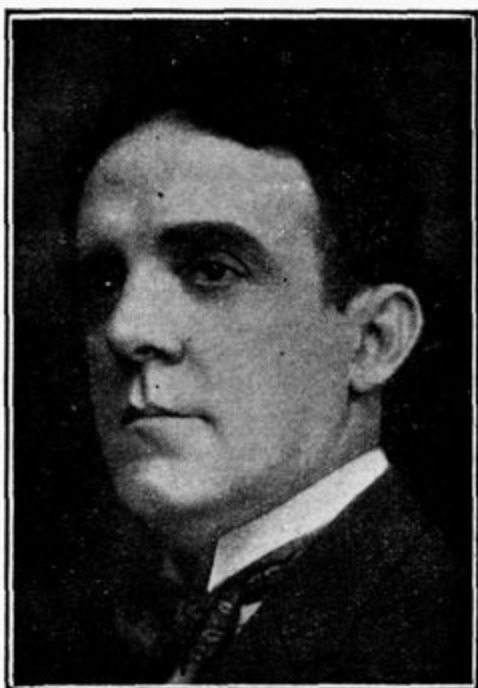


CAMÕES HUMORISTA (1)

A tristeza e a saudade, sua filha, não são apenas portuguesas, como êles pretendem, cultos psicólogos ou tôda a gente nacional. Somos tristes, mas não é fado lusitano: são-no todos os povos que deixam a própria terra, o seu doce, ou ainda atribulado lar, todos os que mudam... nômades, viajantes, emigrados.

O povo clássico do *Éxodo* era o das *Lamentações*. A poesia, nuncia do coração, nasceu da tristeza do Mediterrâneo: Fenícios, Gregos, Árabes, Italianos, Iberos precederam a *Lusíadas*, que, expelidos da própria terra pela ambição, não podendo crescer na península pela oposição repulsiva de Espanha, só tinham por vocação a aventura marítima. Isso que seria a glória do Portugal-maior, não veio para cada lusíada sem a inconsolável mágoa



AFRÂNIO PEIXOTO

(1) Leitura feita na Sociedade de Estudos Camonianos do Rio de Janeiro, em sessão solene de 10 de Junho 1927.

do abandono da linda terra, do doce lar, por inóspitas paragens, saúde que a gente veio a crer, de tão comum e tão nossa, uma especialidade portuguesa.

Grande poeta nosso no-la reivindicou precisamente num poema sobre *Camões*:

..... Saúde!
Mavioso nome que tão meigo soa
Nos Lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Dessas alheias terras...

Está aí. Os Inglêses, também viajantes, não sentiriam saúdes, ou só os Portugueses saberiam exprimi-las. Como se o homem não fôsse o mesmo por tôda a parte, o sentimento cosmopolita, e as vozes para exprimi-lo universais... É exacto que lhes emprestamos sentidos particulares.

Emílio Faguet reparou, com perspicácia, que, sobretudo certas palavras são a vaidade étnica de certas gentes: o *Gemüt* é alemão, como o *esprit* é francês, e pretendem ambos ser intraduzíveis. A *saúde* será portuguesa, como o *humour* britânico... E nessas palavras decretam-se sentidos profundos e raros, só peculiares e sensíveis, exclusivos e inimitáveis, como produtos patenteados, tudescos, francos, lusitanos e anglo-saxónios...

A muitos dêsses obcecados será temeridade falar de um *humourista* português, invadindo atribuições, pois que também para Garrett os Inglêses não sabem exprimir a saúde... Cada um que fique com o que é seu. Já nos revoltámos, porém, contra o *saúdosismo*: que nos permitam reivindicar o que é também nosso, e de todo o mundo — o *humour*.

Sim, porque se tivéssemos de designar o príncipe dos *humouristas*, não iríamos buscá-lo nas Ilhas Britânicas: seria Rabelais, ou melhor, Cervantes. O *Quijote* é a obra prima do *humourismo*. Uma antologia do *humour* devia mesmo

começar por aquela página do *Génesis*, em que Jehovah, tendo criado o mundo, no qual as plantas se parasitam, os animais se entredévoram, o homem, — a família divina, Adão, Eva, Caim, Abel, Seth, etc. — praticam a desobediência, a rebeldia, a inveja, o assassinio, o roubo, o incesto..., declara que *tudo está bem*.

Pelo menos, se não Moisés, Homero. A *Bàtracomio-maquia* é uma troça da *Iliada*, iliada de ratos e rãs, com a mesma intervenção dos deuses do Olimpo, como na iliada dos homens... Por que não? E a nossa é que passa a ridícula. Se não esta, outra página *humourística* está na *Odisseia*, quando Helena, diabòlicamente graciosa, se diverte em tórno do cavalo de Troia, em cujo bôjo estão os mais fortes chefes gregos. Ela os adivinha, contrafaz-lhes a voz das espôsas, chamando-lhes pelos nomes... Êles não o sabem, não sabem dos seus propósitos já mudados, e só atendem aos riscos de morte, de serem descobertos, até nos ímpetos de afrontarem essa mesma morte... Tal mistura, de graça e perigo, de farça e de morte, é maravilha de *humour*.

Outra página imortal, como nenhum Swift, Sterne ou Carlyle jàmais conseguiu, está em Petrónio, no *Satyricon*, sôbre aquela terra de Crotona, onde tôda a gente vive da captação de testamentos e onde um pseudo-rico e comparsas vivem largamente, à custa de todos os que pretendem um dia ser os seus herdeiros, e aos quais, ao desaparecerem, deixarão talvez apenas essa lição cruel de *humourismo*, de ladrões que roubam a ladrões...

Humour bíblico, homérico, latino... Nosso, ¿por que não? Camilo Castelo Branco pretendeu mesmo que nos sobrava espírito, à francesa, pois que o espirituoso corresponderia, em vernáculo, a «chocarreiro, trejeitador, arlequim, palhaço, proxeneta, polichinelo, maninelo, truão, jogral, go-liardo, histrião, farcista, végete, bôbo, *pierrot*, momo, bufão, folião...» Todos estes, aliás, não darão um homem de espí-

pírito. Mas êle, o espírito, não nos faltará, entretanto, por isso; mais, temos até o *humour*. Não será irreverência encontrá-lo em Camões.



Antes, porém, de procurá-lo, conviria fixar o que se entende, ou entendemos por *humour*. É a graça da gente séria ou o gracejo sôbre assunto grave. Como essa gente, ou êsses assuntos pendem para o triste, a graça ou o ridículo das coisas ou dos sucessos sairá em ricto, às vezes de mau-gôsto, como uma tristeza grotesca, entre ironia e piedade, entre riso e lágrimas. Por isso, quando a malícia é maldade e, no riso, já não há simpatia ou piedade, os conhecedores alvitram que já não há *humour*. O psicólogo Sully não inclue Swift entre os *humouristas*, porque é mau, senão feroz; Carlyle, agressivo por vezes, era outras *bon-enfant* e, então, *humourista*. Dickens, bom de mais, quási sem maldade, estaria no outro extremo. Serão distinções entre *humour*, de qualidades diversas, mas sempre *humour*; mais ou menos água e açúcar, para diluir o espírito e as essências do absinto: Swift teria um laivo de doce, Dickens apenas um travo de amargo...

Como quer que seja, êsse gracejo triste é o *humour*, e quem ria da miséria humana, acaso ridícula, para mais castigá-la, raramente para distrair-se com ela, aliviando-se ou para aliviar os outros, faz *humourismo*. A ironia pode ser impessoal, inteiramente espírito ou razão: no *humour*, pois que há sentimento, estão em jôgo criaturas que sofrem, o riso é consôlo ou distracção. Alívio da tristeza, por concessão da alegria.

No nosso Poeta teremos, pois, de separar, nas jocosidades, o que é, e o que não é *humour*. É elegia saúdosa, puro

lirismo, que canta para aliviar, como quem trabalha ou pena cantando,

Porque, se quem trabalhar
Canta, por menos cansar...

aquela I Redondilha: «Sôbolos rios que vão», divino canto de tristeza e saudade, em que a Lisboa ausente e desejada se compara a Sião:

Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a pena cansará
E eu não descansarei.

Aquela XIV Redondilha dos *Disparates da Índia* é sátira, objurgatória ou invectiva moral, género sério, que não transige e condena: ela se dirige, com efeito, a êsses

Que andão emendando o mundo
E não se emendão a si;

como é aquela outra, a X Redondilha, em que fala dos

Que por hum Dom de nobreza,
Deixão dões da natureza,
Mais altos e singulares!
Hum Dom, que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Falo como experimentado...

Tão pouco seria *humour* o humor, o bom humor (o *humour* não será um mau humor polido, de boa companhia, que por isso, não podendo ser franco, e então cruel, é apenas engra-

çado?) facêto, ou mesmo erótico. Dona Guiomar de Blasfé
queima-se com uma vela no rôsto. O Poeta verseja:

Amor, que todos offende,
Teve, senhora, por gosto
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas accende.

Volta

Aquelle rosto que traz
O mundo todo abrasado,
Se foi da flamma tocado,
Foi porque sinta o que faz.
Bem sei que Amor se vos prende;
Porém o seu presuposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas accende.

A uma dama doente (Redondilha XVII) diz :

Da doença em que ora ardeis
Eu fora vossa mezinha
Só com vós serdes a minha.
.....
Qu'eu por ter, formosa Dama,
A doença, qu'em vós vejo,
Vos confesso que desejo
De cahir comvosco em cama.
Se consentis que me vença
Deste mal, não houve gente
De saude tão contente,
Como eu serei da doença.

A dama acharia a graça... pesada.

Finalmente, não será também *humour* a endeixa conceituosa em que se vislumbra os trocadilhos, embora sob a espuma do espírito se perceba o fundo dolorido da

alma (tornamos à tristeza ou pessimismo lírico e elegíaco).
(Red. XLIX):

De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

Voltas

Tenho-me persuadido
Por razão conveniente
Que não posso ser contente,
Pois que pude ser nascido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento comigo
Qu'eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria.
Quem, senão eu, não teria
Mal, que esse bem me tirasse?
Força he logo que assi passe,
Ou por desgosto comigo
Ou sem gosto e sem perigo.

*
* *

Vamos ver, pois, feitas estas exclusões, o que nos parece *humourismo* no nosso Poeta. Um exemplo, para começar, é aquele *Convite que fêz na Índia a certos fidalgos* (Redond. VI). Camões também era fidalgo, porém pobre, o que não excluía as boas relações. Naturalmente recebendo serviços e favores de amizade, sentiu-se obrigado à correspondência, como é dos estilos da sociedade. ¿Como, porém, se lhe sobrava engenho para o compreender, e vergonha para o sentir, se nada tinha de seu? Valia-lhe, nesse transe, o espírito e ia ao encontro da dificuldade, rindo para não chorar.

Rir com os outros, antes que os outros se riam de nós. Os convivas não acharam iguarias,

Que aqui não ha que comer,

mas acharam .. versos :

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas;
E de sorte as enganava,
Que as iguarias que dava,
Vinhão nos pratos pintadas.
Não temais tal travessura,
Pois já não pode ser nova;
Porque a ceia está segura
De vos não vir em pintura,
Mas ha de vir toda em trova.

E cada um, Vasco de Ataíde, Dom Francisco de Almeida, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Francisco de Melo... teve a sua trova. Não podia ser de outra forma; melhor seria, disfarçando a mágoa da pobreza, ou da miséria, dizer-lhes, fingindo rir :

Pois sabeis que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho
E papeis por iguaria.

*
* * *

À pobreza juntava o Poeta maior miséria ainda; o aleijão físico... Perdera um olho em África, num recontro com Mouros, e esse atestado de bravura nem por isso lhe seria menos doloroso.

Conta-o na Canção X, 167-9:

... a furia rara
De Marte, que nos olhos quis que logo
Visse e tocasse o acerbo fruto seu.

Diminuído por deformidade, não acredita — ou o seu orgulho finge não acreditar — que isso lhe diminua o amor da amada e, talvez para persuadi-la, escreve aquele soneto (Son. XCI) em que pleiteia a própria causa :

Vós, que de olhos suaves e serenos
Com justa causa a vista captivais,
E que a outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos e pequenos,

Se de amor os domesticos venenos
Nunca provastes, quero que sintais
Que é tanto mais o amor depois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.

E não presuma alguém que algum defeito,
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito.

Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito;
Que amor com seus contrairos se acrescenta.

Certamente que se iludia. E por isso talvez, à revelia dele, nessa confissão do sub-consciente, espécie de *Ersatz* freudiano, como se diria na linguagem psico-analitica de hoje em dia, repetem-se, à saciedade, em Camões, essas imagens e alusões aos *olhos*, como em nenhum poeta. Na I Redondilha lá está (12.^a estância), e na II (est. 13.^a)... e em quasi tôdas com uma insistência por demais significativa. Suas preferências são, infalivelmente :

Para mim só quero os olhos. (Red. cxxxiv)

Para mim que de olhos vivo,
Guardai esses olhos bellos (id.)

Que vistes, meus olhos,
Meus olhos, que vistes,
Que vos vejo tristes? (Red. cxxxiv)

Dizei-me, meus olhos,
Quem vos agravou. (id.)

Por uns olhos que fugirão
O lume dos meus perdi;
Porque nem elles me virão
Nem eu também mais os vi. (Red. cxxxviii)

Matai, meus olhos, matai. (Red. cxxxii)

Antes cego por ter-vos visto,
Que cego por vos não ver. (Red. cxliiv)

Chega, por vezes, a esquecer-se e a crer nesses seus *olhos*:

D'alma e de quanto tiver
Quero que me despojeis,
Contanto que me deixeis
Os olhos para vos ver. (Red. xxviii)

Pús meus olhos n'uma funda
E fiz um tiro com ella
Às grades d'huma janella. (Red. xxxii)

Assi são os olhos
Do meu coração. (Red. cx)

Fujo da conversação,
Anoja-me a companhia
E trago os olhos no chão. (Red. cxxi)

Pús o coração nos olhos
E os olhos pús no chão,
Por vingar o coração. (Red. xxxi)

E não só nas *Redondilhas*, mas nas *Éclogas*: I 171; 318;
II 55, 298, 411; III 95, 144, 184, 213, 267; IV 222; V 94, 130,
148, 159, 167; VI 275; VII 131, 396; VIII 33; XVI 45⁽¹⁾.

(¹) A citação das obras, em numeração romana, e a dos versos, em árabe, referem-se tôdas à edição de Juromenha.

Elegias: I 6; V 1, 47, 202, 232; VII 29, 78; IX 55, 59; X 25, 70; XI 130, 133; XIV 24; XV 16; XX 7, 34, 77, 106, 112; XXV 5; XXVI 22, 52.

Odes: II 12; V 7, 23, 32; VI 22, 31, 57, 92.

Canções: I 44, 73; II 33; III 30, 37; IV 19, 26; V 16, 62; VI 24; VII 5, 81, 92; VIII 27; X 78; XI 51, 103; XII 33, 43; XIV 28; XV 14, 45; XVIII 5, 27, 80; XIX 19; XXI 22.

Sextilhas: I 3, 12, 13, 20, 28, 35, 38; II 1, 8, 16, 23, 26, 36, 37; V 3, 12, 13, 20, 35, 38.

Sonetos: XVI; XVII; XIX; XX; XXII; XXIV; XXVIII; XXX; XXXIII; XXXIV; XXXV; XXXVI; XXXVIII; XL; XLVII; XLVIII; LI; LVI (duas vezes); LX; LXV; LXVII; LXXII; LXXXIV; XC; XCI; XCIX; CIV; CVII; CIX; CX; CXVI; CXXIII; CXXVI; CXXXI; CXXXIX; CXLIII; CXLIV; CXLV; CXLVII; CLII; CLVI; CLVIII; CLXVIII; CLXX; CLXXV; CLXXVII; CCVII; CCVIII; CCX; CCXI; CCXIII; CCXIX; CCXXII; CCXXV; CCXXXVIII; CCLIV; CCLIX; CCLX; CCLXX; CCLXIII; CCLXXII; CCLXXXV; CCXCIII; CCXCV; CCXCIII; CCXCIX; CCC; CCCIII; CCCXVII; CCCXXIV; CCCXXV; CCCXXVIII; CCCXXX; CCCXXXVI; CCCXLVII;...

Os Lusíadas: I 9, 16, 69, 88; II 34, 44, 57, 60, 99; III 102, 120, 121, 125, 131, 132; IV 68, 69, 94; V 3, 11, 19, 24, 39, 48, 49, 55, 60, 91; VI 9, 22, 34, 39; VII 47, 65, 74, 77; VIII 43, 50; IX 22, 41, 44; X 33.

E tudo isto apenas *olhos*, porque, se fôra apontar *vista*, *olhar*, *ver*, *vendo*, *cego*, etc., seria não acabar mais. Previno entretanto logo a objecção que vejo aparecer: mas a todo o mundo é lícito, tendo os dois olhos, falar nêles e dêles e, muitas destas ocasiões citadas, Camões estaria ainda no gôzo dos seus. Não há dúvida, mas atenda-se. Em 1547 (46: Juromenha; Storck: 49), quando partiu para Ceuta, — em viagem, luta com piratas (Faria e Sousa), ou em terra com outros Mouros (D. Carolina Michaëlis) — foi a sua maior desgraça: teria entre 21 e 25 anos, pois havia nascido em 1524. Evidentemente a sua obra avulta depois disso, vivendo até 1580.

Perguntar-se há se a escassez das alusões referidas, em

algumas de suas obras, não lhes marcará, precisamente, data anterior ao seu infortúnio... Talvez esta pista dê à cronologia da obra camoniana, de data indecisa, elemento de conjectura.

Um facto é irrecusável: é a abundância, a prodigalidade excessiva, a obsessa insistência, na pena de Camões, das expressões *olhos, meus olhos, vista, olhar* e outras análogas, como em nenhum poeta. É justo pensar tenha concorrido para isso o seu defeito físico, *Ersatz* ou substituição inconsciente de sua psicologia, que revela até que intimidade a dor era profunda, ainda quando sob a aparência do consôlo, e até do alarde humorístico, como se vai ver.

À dor de lho dizerem revida o Poeta numa oitava, «*A hume dama que lhe chama cara sem olhos*»:

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro.
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam.
Vendo-vos, olhos sobejão,
Não vos vendo, olhos não são.

Há disfarce de dor na declaração. E do amor e de mulher maltratado, o recurso, se não gemido, é *humourismo*.

*

* *

Em outras ocasiões, a nota pessoal afectiva deu tradução de *humour* o Poeta. «*A hume dama vestida de dó*» diz êle:

De atormentado e perdido,
Já vos não peço senão
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

Volta

Se de dó vestida andais
Por quem já vida não tem,
Porque não o haveis de quem
Vós tantas vezes matais ?
Que brado sem ser ouvido,
E nunca vejo senão
Cruzas no coração,
E grande dó no vestido.

Êsse amor de luto, amor de viúva, que deseja o Poeta, embora a graça do trocado galante, soa lùgubrememente. Mas há mistura de graça e de dor, ainda mais delicada, como se êsses ingredientes do *humour* se afinassem juntos, para inimitável composição lírica :

Vi chorar huns claros olhos,
Quando delles me partia,
Oh que magoa ! Oh que alegria !

Volta

Pelo meu apartamento
Se arrazarão todos d'agoa.
Quem cuidou qu'ém tanta magoa
Achasse contentamento ?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia :
Se esta dor, se esta alegria ?

A felicidade de sentir-se amado se mistura à pena de fazer chorar aqueles lindos olhos claros. Nem sempre, porém, teria o Poeta experiências tão comovidas, sem o amargor de cruéis decepções. E estas é que lhe ditam a obra prima do seu *humourismo*, uns versos em que o caso pessoal atinge a

uma generalização, ainda *humourística*. É a décima sobre «O Desconcerto do mundo» (Red. LIV):

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais m'espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado.

Assim que só para mim
Anda o mundo concertado...

O mundo, que tolera os maus, felizes, e castiga os bons, desgraçados, muda-se, quando o Poeta se lhe quer adaptar. Tal contraste e esta dupla máguia, de bom e mau, sempre castigado, dá à graça dos versos um carácter de *humour* autêntico.

*
* *

Haveria na epopeia dos *Lusiadas* lugar para estas notas? Há tôdas, e, portanto, também as notas menos graves. Por exemplo, o trocadilho facêto, quando Baco vai procurar Neptuno:

... as nimphas... se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho. (vi-14)

Há talvez a ironia à *humanidade*, sem compostura, dos deuses, que se portam como homens mal educados:

Porém tanto o tumulto se moveu
Súbito na divina companhia,
Que Tetis indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou. (vi, 36)

Há os versos nus de pejo, quási licenciosos, se tudo em verso não fôsse permitido, como se diz que o é nas línguas clássicas... A sedução de Vénus a Júpiter é quási irresistível...

De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara. (I, 42)

A escusa de Tétis às pretensões de Adamastor é de conformidade:

Respondeu: Qual será o amor bastante
De Ninfa que sustente o dum gigante? (V, 53)

Na *Ilha dos Amores*, os quadros são ainda mais ousados, entre ninfas e aventureiros:

Uma de industria cai, e já releve
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ella empecendo também caia
Quem a seguiu sobre arenosa praia. (IX, 71)

Aí mesmo o episódio de Leonardo, *soldado bem disposto*, em que se encarna o Poeta,

A quem amor não dera um só desgosto, (IX, 75)

isto é, não dera um desgosto só, mas inúmeros, tem laivo de sensibilidade maguada:

Pões-te da parte da desdita minha? (IX, 80)

Tudo, porém, acaba, como devia acabar, vencida a cruel, a qual

Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfáz em puro amor. (IX, 82)

Não assim no caso de Adamastor, cujo *humourismo* já é do autêntico, pela sensibilidade maguada:

Uma noite de Doris prometida
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Tetis, única, despida.
 Como doudo, corri de longe, abrindo
 Os braços, pera aquella que era a vida
 Deste corpo, e começo os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces e os cabellos.
 Ó! que não sei de nojo como o conte,
 Que, crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c'um duro monte,
 De áspero mato e de espessura brava!
 Estando c'um penedo fronte a fronte,
 Qu'eu polo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo
 E junto dum penedo outro penedo! (v, 55, 56)

E sobrevém então a desgraça última, transformado o Gigante em rochedo; a tentação, porém, não desaparece:

Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeram,
 Estes membros que vês e esta figura
 Por estas longas águas se estenderam:
 Emfim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo converteram
 Os Deuses, e por mais dobradas máguas,
 Me anda Tetis cercando destas águas. (v, 59)

Novela mitológica, cujo *humourismo* nos será menos sensível que o dêste passo, bem humano — o caso de Fernão Veloso, que está em Barros, e o Poeta transpôs em verso. Era destemido, mas prolixo de bravatas recontadas: *nunca deixava de falar em valentias* (*Décadas*, I, liv. IV. cap. III). Nos *Lusíadas* é ele quem faz a narrativa heróica dos Doze de Inglaterra (VI, 42-69). Na Baía de Santa Helena teimou

em ir à terra, com os negros. E já tarde, viram-no vir *per hum teso abaixo mui apressado* (Barros, id.). Os companheiros que o esperavam num batel, para se rirem de suas façanhas, a-pesar-do perigo, perseguido pelos negros que lhe vinham ao encalço, «quando o viram sôbre a praia descer com passos a meio chouto, à cinte detiveram-se em o recolher». A dois negros que o quiseram prender, castigou a ousadia, e «saíram com os focinhos lavados em sangue, a que acudiram os outros, e foi tanta a pedrada e frechada sôbre o batel» (id.), que até Vasco da Gama teve uma perna ferida. Isto conta o Poeta, humoristicamente

É Veloso no braço confiado
E de arrogante crê que vai seguro.

E vem a descrição, como na página de Barros, nas estâncias 31, 32, 33 do Canto v, que decalcam a narrativa das «Décadas». Porém há mais; sôbre o humor, de apêto e perigo, riso e sangue, quando de Veloso mofam os companheiros, a resposta de espírito é adequada, constituindo dos passos mais deliciosos da epopeia, como um hiato de graça em tanta severa suntuosidade épica:

Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
Oulá, Veloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer que de subir.
Si, é, responde o ousado aventureiro,
Mas quando eu pera cá vi tantos vir
Daquelles cães, de pressa um pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim. (v, 35)

Aí está. Não é muito, mas nem esta nota lhe falta, a Camões. Não nos surpreende, se tem tôdas na sua divina lira. Aqueles que tomam por pretexto o espírito nacional da epopeia, para lhe preferirem o lirismo universal do *Parnaso*,

esquecem-se que nesses *Lusiadas* está tôda a Poesia, heróica sim, mas também lírica, didáctica, sentenciosa, moral, satírica, e, até, acabamos de ver, *humourismo*.

Da *Bíblia* se disse que é o *livro*, porque os resume a todos, sôbre o povo de Deus; nós temos também um «livro», o nosso livro, o que nos resume todos os outros, nossa bíblia: *Os Lusiadas*.

Afanis p. c. o. l. o. /